

IRMA FURLAN, Vera.

Uma nova suavidade e profundidade... o despertar transpessoal e a (re) educação. Tese de doutorado em Educação na área de concentração Filosofia da Educação da FE da Unicamp, dez 1998.

A tese de doutorado da professora Vera Irma Furlan, defendida em 10 de dezembro de 1998 no programa de Filosofia da Educação da Pós-Graduação em Educação da Unicamp, merece uma resenha elogiosa, não apenas pelo fato de compartilharmos do mesmo munus pedagógico na PUC-Campinas e; por esta razão conhece-la de longa data em seu trabalho intelectual, mas sobretudo pela originalidade da pesquisa que empreendeu num terreno que vem ganhando destaque cada vez maior no campo da Filosofia e da Educação

Para ser coerente com o entorno teórico no qual a tese foi escrita, o mais correto aqui seria convidar o leitor para uma visita, ele mesmo, ao texto em questão e, laconicamente, finalizar a resenha e permanecer em silêncio. Segundo o taoísmo "*os que sabem não falam, os que falam não sabem*". O silêncio; neste caso; seria a melhor forma de revelação do nosso conhecimento do texto. Mas; não sendo pertinente ser apenas uma testemunha silenciosa. Não sendo possível aqui uma espécie de comunicação pelo silêncio, própria dos brâmanes; faremos um esforço para sintetizar algumas considerações a partir daquele trabalho.

Além do mais, o texto ainda não está disponível, somente sendo encontrado na biblioteca da Unicamp e da PUC-Campinas (se já ocorreu o processo de tombo e; como o que se espera de uma resenha não é meramente a proclamação publicitária; importa aqui registrar algumas apreciações para que o leitor por si mesmo, procure conhecer um trabalho primoroso, abalizado pela orientação do também criterioso Régis de Moraes.

Em uma primeira visada do texto; não se pode deixar de prestar atenção aos cânticos-estrofes de Cecília Meirelles e uma inserção poética de Fernando Pessoa. Um leitor apressado concluirá que a autora ilustrou o texto de tese com poesias e que, mesmo isto não sendo novidade, é bom.

Contudo, lendo a tese atentamente; saboreando-a; o que se encontra é um todo poemático, uma produção narrativa que retrata fielmente o perfil da autora; sendo vivencial no melhor sentido de re-educação, sendo iniciática, não para se fechar num possível esoterismo, mas em convidar-nos a empreender também uma experiência de auto-conhecimento para um salto de transcendência - a proposta da tese. A professora Vera faz uma experiência transpessoal e transracional, por meio da dissertação, e deseja que nós leitores, a acompanhemos.

Logo no início do primeiro capítulo, há uma convocação para exercitarmos um olhar diferente: não perscrutório e investigativo; mas corajoso (sem ter medo do novo e das mudanças), um olhar heurístico e criativo, de quem quer descobrir e, por isso; renasce a cada instante que olha: o olhar aristotélico de admiração para o qual o mundo é uma eterna novidade e que se surpreende com gestos; fatos e comportamentos por mais simples que pareçam: o olhar de poeta que cria e recria a realidade e a si próprio a cada momento; o olhar de criança ou o de um velho sábio; que no fundo são idênticos, na experientiação do mundo.

A partir dessa proposta surge no espírito do leitor uma primeira pergunta de modo a justificar a convocação: de que *tópos* filosófico fala a autora?

E um referencial filosófico; que serve ao leitor para dar uma resposta a si mesmo antes de fazer o caminho do despertar transpessoal, encontra-se na conhecida alegoria da caverna de Platão, sempre recorrível devido à densidade metafórica e à polissemia de interpretações que suscita.

Para compreender o lugar filosófico da escritora Vera o leitor interessado pode procurar, na parábola, a qual situação a educadora Vera se identifica. Obviamente não é o lugar dos acorrentados; no fundo da que permanecemos no âmbito racional da caverna

com o olhar viciado e a linguagem condicionada pelos dualismos, para convidar-nos ao caminho da libertação dos subterrâneos de cada um. Nesta perspectiva, sem dúvida nenhuma, a sua tese de educação, ou melhor dizendo, de re (educação), é endereçada a todos os educadores, independentes de posições ideológicas.

É possível constatar esse *tópos* filosófico observando a linguagem utilizada na tese.

A linguagem, que segundo Ricoeur, cria o inundo, tem aqui no texto da autora uma função não apenas de registro e de pretexto para análise, mas sobretudo de evocação. *"Linguagem que é, por natureza, uma abstração, no sentido de que não manifesta a realidade mas significa uma verdade"*.

Ao lado da palavra dubitativa, que instaura o questionamento filosófico, a Vera propõe a palavra invocativa, suplicante, lírica e; por isso, empresta e emprega, com competência, recursos literários os mais diversos, alguns estranhos às metodologias convencionais de tese, mas todos válidos para o fim a que se pretende: despertar-nos para uma experiência transracional de re-educação.

Recursos próprios da poesia (Fernando Pessoa em "O guardador de rebanhos" e "Cânticos" de Cecília Meirelles), recursos da exclamação - e aí encontramos a autora totalmente presente na função emotiva da linguagem (*"Ah! Como ele tem a ver com o olhar da criança!"*, p. 23; *"Admitir possibilidades de olhar o mundo, de viver a vida. Que riqueza!"*, p. 25), recursos do senso popular (*"se correr o bicho pega, se ficar o bicho come"* p. 160; *"é preciso despejar a água do banho sem jogar a bacia e a criança junto"*, p. 30), recurso até mesmo da gíria (*"o contexto de vida, porque dinâmico, aberto, flexível, exige estarmos 'numa outra'"*, p. 21 : *"é como viver na corda bamba..."*, p. 27), recurso do desabafo (*"e durma com um barulho desses..."*, p. 158; *"adeus mundo cruel!"*, p. 162) e, para não estender demais, o recurso do imperativo vocativo (*"E veiam - vocês leitores: só uma criança poderia admitir uma expectativa positiva diante de um fato negativo"*, p. 25).

Este último exemplo revela claramente a intencionalidade do texto (e obviamente da autora) de convocar os leitores para iniciarem também sua própria viagem transpessoal.

A educadora se apresenta no texto, digamos assim, sem exagero, com todos os níveis do espectro de sua consciência: e não poderia ser diferente. Seria

incoerente com a proposta da tese, redigi-la apenas e somente como uma elaboração simbólica no nível do eu racional. A autora constrói um trabalho acadêmico sim, dentro da metodologia exigida pela Academia. Contudo; transcende-o com um texto de caráter teórico-vivenciado que se assemelha a um *diário de bordo*, escrito a partir da leitura de sua própria experiência intelectual à luz dos autores navegados.

Ainda quanto à linguagem, na convocação dos leitores, não iniciados, ao entendimento do paradigma compreensivo de Ken Wilber, a um olhar sobre o olhar; a autora tem o cuidado de usar uma forma redacional que não amarra o texto ou que poderia deixá-lo pesado. Ao contrário, usa de uma linguagem *soft*, conseguindo a proeza de condensar o essencial e explicitar, de forma inteligível e clara, o pensamento de Wilber, vencendo as armadilhas da linguagem dualística. Este é o primeiro indicador da suavidade da tese, onde as idéias fluem como *carpas coloridas em um riacho japonês*, sob o qual os olhos (e a mente do leitor) passeiam o olhar tranquilamente e, de súbito, se sobressaltam diante de um inesperado movimento conceitual inovador.. Um conceito que exige mergulho reflexivo, caracterizando a segunda característica da tese: a profundidade conceitual.

Do ponto de vista metodológico, há algumas referências bibliográficas desnecessárias, porque repetidas no mesmo parágrafo; e algumas ausentes, que vale a pena completar para melhor situar o leitor ante as obras consultadas na pesquisa, tendo como expectativa a publicação do trabalho.

Quanto aos temas abordados, alguns suscitam uma profunda reflexão filosófica em uma dimensão. Capítulos especiais avaliam os paradigmas propostos por Kuhn; Foucault, Guattari e Morin mostrando que os mesmos não possibilitam o acesso da consciência a dimensões mais abrangentes. Já Ken Wilber (*"as forças da superficialidade é que nos ameaçam"* p. 71), apresentando um paradigma compreensivo, inspira-nos a viver o momento de crise como necessário para a invenção de outras possibilidades de pensar, sentir e agir..

A dialética proposta por Wilber entre a horizontalidade (heterarquia) e a verticalidade (hierarquia) no processo vital dos hólons - *totalidades/partes de outras totalidades/partes, indefinidamente* - caracteriza um processo *autótorre* que potencializa o indivíduo a crescer/evoluir ou se

destruir/regredir; a partir de condições próprias de ascensão ou descensão na hierarquia. O princípio dos hólons categoriza a capacidade dos mesmos hólons de desenvolver o processo positivo de autotranscendência ou, se for negativo, para baixo, de autodissolução. Nosso desenvolvimento humano e transumano depende da compreensão dessa dialética.

Resumindo, a grosso modo, o projeto de integração da consciência humana para níveis mais abrangentes e profundos pode parecer a um leigo que se trata de mero jogo de palavras. Por esta razão mais que explicar o processo (e pior ainda tentar resumi-lo),

é melhor calar-se a respeito e procurar acompanhar a experiência contemplativa enquanto se percorre o texto da tese.

Um valor posso garantir. A leitura contribui muito para a revisão de vida intelectual que todo filósofo deve empreender pelo menos uma vez por ano ou num certo período sabático. Nesse sentido, o trabalho da Vera ajuda a abrir mais o olho espiritual da Mente (*transcendelia*).

João Baptista de Almeida Júnior
Instituto de Filosofia - PUC-Campinas